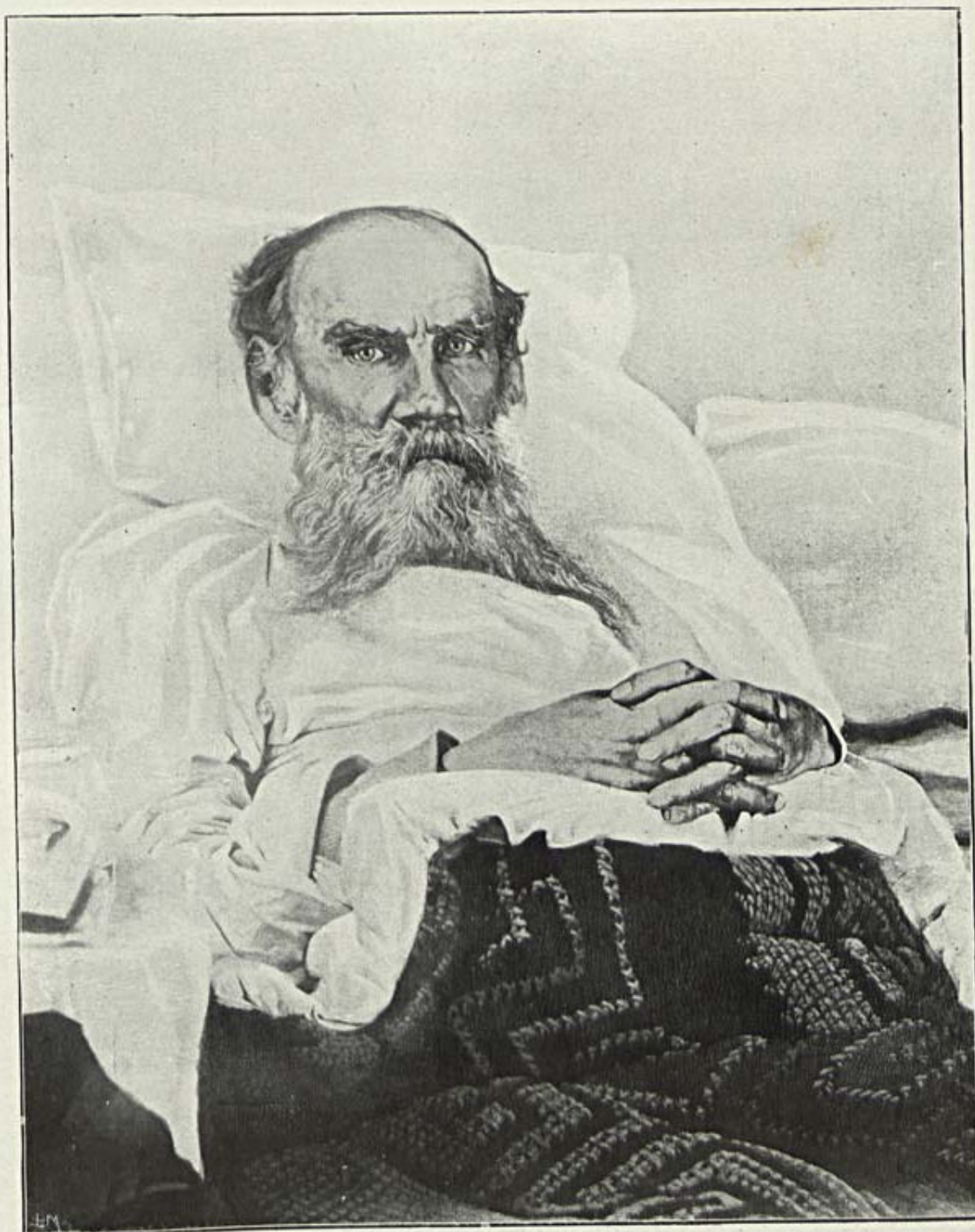


BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de C. silbo.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50, — Lisboa.

1 DE DEZEMBRO DE 1910]

N.º 285



Leão Tolstoï

(† a 20 de novembro de 1910)

Leão Tolstói

A morte do grande escriptor russo foi um acontecimento mundial. É que o conde Leão Tolstói encheu a sua época com a fama do seu nome. Na *Resurreição*, na *Morte*, em tantos livros maravilhosos, o romancista, o pensador, o artista, attingira a culminancia litteraria, envolvendo o pensamento alto e puro na forma mais brilhante e suggestiva, e creára tão solida reputação que em todo o mundo culto, os seus livros occupavam nas estantes dos letrados, dos artistas, dos estudiosos, um lugar de honra.

O phantasista, o evocador, o narrador prodigioso da vida russa, da sociedade do seu tempo, o reivindicador de todos os direitos, o propagandista eloquente das grandes acções e da liberdade de pensar, tão restringida no seu paiz, converteu-se no doce e terno philosopho, que creou uma doutrina de paz e de amor, que proclamou a egualdade nas suas formas mais simples e primitivas, que foi um protesto vivo, em toda a parte escutado, contra a escravidão do espirito, e contra a pressão das consciencias.

Os ultimos dias que precederam a sua morte foram dignos da sua vida.

Ao chegar ao termo do seu apostolado, escreveu um dos ultimos biographos de Tolstói, a favor da vida humilde transportada ás suas rudes e sãs origens, depois de ter, por tanto tempo, com o seu genio, glorificado a fraternidade dos homens na miseria e pela miseria, de ter fanatisado discipulos e chegado a crear como que uma egreja, contra a qual veio a erguer-se o Santo Synodo. Tolstói quizera fugir definitivamente ao luxo relativo, em que a vida de familia o retinha, e ir partilhar com os mais humildes a vida primitiva e aspera ordenada pelo seu ensino.

Com effeito, no dia seguinte á sua fuga de Yasmaia Poliana, recebia a condessa Tolstói, sua esposa amantissima, um curto bilhete em que o portentoso escriptor, que attingira a idade dos patriarchas, lhe dizia não poder supportar mais a mentira do mundo, o ruido, as visitas, as sollicitações, a existencia confortavel, que, contra vontade sua, lhe era imposta.

Acabar os seus dias n'um mosteiro, juntar-se aos seus discipulos amados, e rematar a existencia gloriosa na singeleza do austero viver que apostolisára, fôra a derradeira, a nobre e estoica aspiração d'esse grande espirito. A fadiga e a febre não o deixaram proseguir, e a familia desolada foi encontra-lo a meio caminho, n'uma gare de caminho de ferro.

Poucos dias sobreviveu ao desgosto de não realisar a sua vanta-



Tolstói jogando o xadrez

de, sempre vencedora, e antes que se lhe apagasse a vida a imprensa do mundo inteiro noticiou a sua morte. As horas que decorreram entre o boato falso e a verdade pungente não foram longas. Confirmava-se, afinal a morte de Leão Tolstói e todas as nações do mundo partilhavam a dor da Russia que acabava de perder a sua figura luminosa e culminante.

JAYME VICTOR.



Uma refeição na residencia do grande escriptor, em Yasmaia-Poliana

Da esquerda para a direita: Dr. Makovitski, Alexandra Tolstói, filha do grande escriptor, mademoiselle Igoumnova, W. Tcherthoff, Leão Tolstói, a condessa, sua esposa, a princeza Obolenski e a religiosa Maria Nicolaitvna, respectivamente filha e irmã do fallecido

A primeira entrega de credenciaes depois da proclamação da Republica



O dr. Costa Motta, ministro do Brasil em Lisboa, a caminho do Palacio de Belem
(Cliché de A. G. Lima.) afim de fazer entrega das suas credenciaes ao Governo Provisorio da Republica Portuguesa

A entrega de credenciaes do ministro do Brasil ao presidente do governo provisorio da Republica Portuguesa foi o primeiro grande acto official do novo regimen.

O governo quiz que essa cerimonia fosse revestida de toda a pompa, não só porque queria por essa forma honrar officialmente a Republica Brasileira, mas tambem porque pretendia manifestar-lhe de uma forma inilludivel o reconhecimento da nação por ser o Brasil, d'entre todos os paizes, o primeiro a reconhecer a nova instituição republicana.

Entre o representante do governo brasileiro e o chefe do governo portuguez, rodeado de todos os ministros, trocaram se palavras tão amistosass e tão cheias de confiança que traduziam plenamente os sentimentos de confraternidade que animavam os altos representantes das duas nações hoje irmanadas, além de tudo, pela solidariedade das mesmas ideias politicas.



Dr. Antonio Luiz Gomes

Ex-ministro do fomento, recentemente nomeado ministro de Portugal no Rio de Janeiro



Dr. Brito Camacho

Actual ministro do fomento

O primeiro deixou agora a pasta do fomento que passou a ser gerida pelo segundo. Marechaes ambos elles no novo regimen politico, erguen-os a esse alto logar a lista de serviços que na opposição prestaram ao partido revolucionario.

O dr. Antonio Luiz Gomes vae representar-nos no Brasil, e todos os nossos votos são para que elle consiga com a sua intelligencia provada, a sua muita illustração, e o seu fino criterio, desfazer attrictos que no seu caminho encontre e congraçar os portuguezes que lá vivem, que pelo trabalho se nobilitam e elevam, no mesmo interesse patriotico, na mesma aspiração de desenvolvimento e progresso para a patria distante, acabando de vez com malquerenças que separam e scisões que nunca podem ser proveitosas, nem para elles, nem para a terra que os viu nascer.

O dr. Brito Camacho é um jornalista de folego, homem de ponderação e de largos recursos de intelligencia e de vontade. Versou no parlamento e na imprensa questões que prendem com os mais variados ramos da administração. Oxalá que seja util e fecunda a sua passagem pela pasta do fomento.

ASSUMPTOS DE MARINHA. — O lançamento ao mar da canhoneira «Ibo»



Aspecto do arsenal no momento da cerimonia

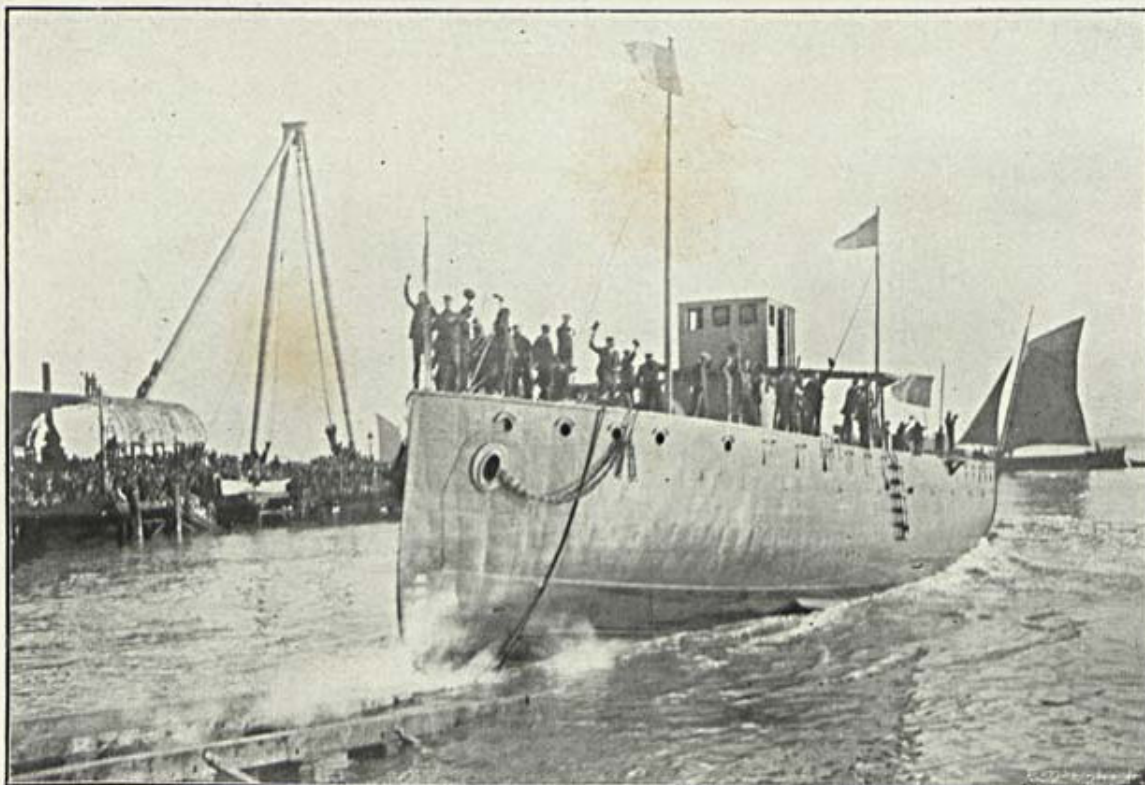
O lançamento ao mar da canhoneira Ibo realizado em 18 do mez findo, com a assistencia dos srs. ministros do interior e da marinha, foi a primeira cerimonia d'este genero realisada depois da implantação do regimen republicano em Portugal.

O novo navio de guerra portuguez, que se destina aos serviços da fiscalisação da pesca, tem as seguintes caracteristicas: comprimento entre perpendiculares, 45^m; bocca, 8^m,3; immersão maxima à ré, 2^m,14; deslocamento, 400 toneladas; potencia, 700 cavallos indicados; 2 machinas de triplíce expansão e 2 caldeiras cylindricas; pressão de regimen, 13 kilogrammas; velocidade, 13 milhas; raio de acção á velocidade economica, 3:600 milhas.

A respectiva guarnição será constituída por 5 officiaes do estado maior, 9 do estado menor e 60 praças.

A Ibo é armada com duas peças Hotchkiss de 47 millimetros, tiro rapido, possuindo tambem um projector electrico e tendo as seguintes embarcações: um escaler de remos, um escaler a petroleo, duas baleeiras e um bote.

Além da referida guarnição, a canhoneira poderá transportar uma companhia de guerra ou vinte toneladas de carga.



ASSUMPTOS DE MARINHA. — O lançamento ao mar da canhoneira «Ibo»

(Clichs de A. C. Lima).

A canhoneira entrando na agua

A chegada do major Coelho ao Porto



A saída da estação de S. Bento

O major Coelho teve no Porto, como era de esperar, uma recepção carinhosa, dando a nossa gravura um aspecto da enorme multidão que se acumulara à saída da estação de S. Bento para saudar o heroico vencedor da revolta de 31 de Janeiro. O povo, tomando de assalto a carruagem-salão em que viajava o major Coelho, conduziu-o em triumpho para fora da estação, organizando-se depois um brilhante cortejo no qual tomaram parte varias aggremações e muitos dos revoltosos do Porto que se cercaram com o então tenente Coelho por ocasião do movimento de 31 de Janeiro.

Bando preeatorio promovido pelos alumnos e alumnas da Escola Normal em favor das victimas da revolução



(Cliché de J. Benolli-1)

O bando passando no Largo do Carmo, em frente do antigo quartel da Guarda Municipal

A manifestação de agradecimento ao sr. ministro da justiça, dr. Affonso Costa, pela promulgação da nova lei do inquilinato



(Cliché de A. C. Lima).

Os manifestantes descendo a Avenida da Liberdade



A manifestação de agradecimento ao sr. ministro da justiça pela promulgação da nova lei do inquilinato

No Terreiro do Paço — Os srs. drs. Affonso Costa e Bernardino Machado, n'uma das janellas do ministerio da justiça, saudando os manifestantes

(Cliché de J. Benollet).

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

CARTA ABERTA

Sobre as novas leis, as «grêves» e varias miudezas

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito:

Ha tres dias que digo logo de manhãzinha aos meus botões: «hoje é que eu escrevo, pela certa, á D. Dorothea.» Mas ha sempre empecilhos, obra do mafarrico, que me desviam d'este grato e indeclinavel dever. Felizmente, hoje ha uma abertassinha na minha pensionada e triste vida. E aqui me tem a aproveitall-a, escrevendo-lhe ás pressas para apanhar o correio.

Muito e muito obrigado pela sua cartinha de 19, que me deu uma grande alegria. Muito me regosija saber que v. ex.^a está conformada com os acontecimentos e espera da incommensuravel benignidade do Senhor o necessario perdão para os herejes que estão virando tudo isto de pernas para o ar, salvo seja. Sim, minha senhora, Deus ha de perdoar aos oito dictadores o mal que lhe fazem com a sua obra radical pelo bem que lhe ha de saber o não ouvir as missas do sr. padre José Lourenço de Mattos. Tanto mais, que o Senhor não tem tanto a perdoar quanto a v. ex.^a se lhe aligura. V. ex.^a exagera, minha querida senhora. Exagera mesmo muito. Assim v. ex.^a julga que o Eterno Cidadão está altamente encolerisado com a annunciada separação da Igreja e do Estado. Não está tal, minha senhora, não está tal. Em frente d'esse facto, que a v. ex.^a se affigura anormal em

Saudações ao Governo Provisorio



Os republicanos de Villa Viçosa em Lisboa

O partido republicano de diferentes terras da provincia continua a promover excursões á capital com o fim de cumprimentar os membros do governo provisório. Na quinzena finda realizaram-se, entre outras, duas d'essas excursões — a de Villa Viçosa, composta de cerca de 300 pessoas acompanhadas de duas bandas de musica e a de Sacavem que contava umas 600 pessoas que se faziam acompanhar pela banda dos operários da fabrica de louça d'aquella localidade.

demasia, o Todo Poderoso encolhe os hombros e como aquella celebre personagem da *Dame chez Maxime*, tem um desdenhoso pff!...

Ao Senhor tanto se lhe dá como se lhe deu o assumpto. O Senhor, que tudo vê, sabe bem que vive nas almas crentes e que só n'ellas encontra o sagrado altar em que lhe celebram o sacrificio que é do seu agrado. Isso lhe basta — porque lhe bastou, sempre.

Pelo proprio respeito que devemos a Deus, minha querida amiga, alheemol-o de assumptos a que elle não é chamado. Assim, comece v. ex.^a por varrer do seu espirito o pensamento de que os oito homens que compõem o ministerio são oito herejes, como v. ex.^a diz. V. ex.^a chamando-lhes herejes quer dizer na sua que elles não acreditam em Deus, não é verdade? Pois, minha senhora, comquanto eu não tenha procuração bastante de nenhum dos ministros para os representar n'este caso especial, sou a dizer a v. ex.^a que se engana. O sr. dr. Theophilo Braga, meu patricio, meu mestre e pessoa crêdora da maior devoção por parte de quem quer que uma vez o trate, é homem de ideias tão avançadas que quasi não conhecem limites. Pois bem, querida amiga, o grande poeta da *Visão dos tempos* comquanto não mantinha relações de intimidade com o Altissimo, tem sido surpreendido, por vezes, a enviar-lhe cartões de visita de relativa cordealidade com deferentes cumprimentos que terminam sempre por um pedido de «recados ao nosso Comte.»

Eu sei, eu bem sei... Não diga, que eu bem sei o que me vae dizer: que não é o sr. Theophilo Braga o hereje, que o hereje é o sr. dr. Affonso Costa. Ora, ora, não dizia eu?... Mas para que ha de o padre Simões insistir na mania de desorientar v. ex.^a e encher-lhe de carapetões a credula cabecinha? Porque essa sua convicção é obra de tão descompassada alimaria, está bem de vêr. E', é, para que ha de a senhora desculpal-o? Pois se eu sei que é, se eu sei que foi elle que lhe insinuou essa parvoíçadão!...

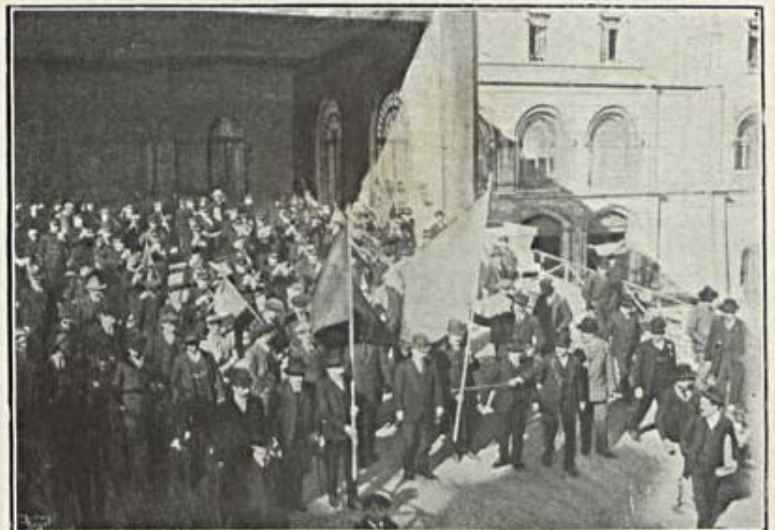
O padre Simões confunde tudo, minha senhora, confunde tudo deploravelmente. Assim, elle não vê que o sr. dr. Affonso Costa é apenas levado de todos os diabos, o que não quer dizer que elle é hereje. Faz muita diferença. Elle não tem, como v. ex.^a julga, o Inimigo no corpo: o que elle tem é bichos carpinteiros. Anda tudo pelo pó do gato com elle. Magistrados, senhorios, jesuitas, as mulheres, os maridos, os outros... Agora toca a vez aos padres. Vão vêr uma bruxa com elle, isso é dos livros; mas não imagine v. ex.^a que o sr. ministro da justiça vae mandar assar no espeto os conegos da Sé ou fazer em tigellada os meninos do côro. Elle não se parece nada com uma fera; pelo contrario, pela generosidade de que tem dado sobejas provas, parece-se com uma creança — muito buliçosa. Lá que elle tenha vontadinha de escangalhar um bispo para ver o que elle tem dentro,

não duvido; mas não escangalha. Póde deixal-o sósinho com um bispo um dia inteiro que elle não o parte, o que não quer dizer que logo que o bispo apanhe uma porta aberta se não safe como um gato assanhado.

Agora mesmo estou a vel-o, por traz de uma porta, com uma grande vassoura alçada, á espera de uma legião de agiotas que vae passar. Ai minha rica senhora, parece-me estar já a vel-os trepar pelas paredes...

Eu sei que v. ex.^a tem a sua engatilhada, eu sei. E' a lei do divorcio, hein? Pois é, é... D'accordo, minha senhora, d'accordo... Eu tambem não gostei, eu tambem entristeci ao ler esse diploma, comquanto, mais que nenhum outro, elle provoqe a minha admiração pelo admiravel talento do estadista. Para que negal-o, minha amiga? Para que não dizel-o abertamente? E' de arripiar!

Não vá agora julgar que eu me compadeço dos conjuges, seja qual for a situação que um ou os dois criem, accidentalmente ou de



(Clichés de J. Benoit). Saudações ao Governo Provisorio
Os republicanos de Sacavem em Lisboa

HYMNO DO MINHO (*)

(Vulgarmente chamado da Maria da Fonte)

Musica de FRONDONI

Letra de PAULO MIDOSI

Voz

mf
Ba - que - ou a ty - ran - ni - - - a, no - bre

po - vo, és ven - ce - d'or, ge - ne - ro - so, ou - sa - do e li - vre, dé - mos

(*) O hymno da Maria da Fonte foi sempre muito querido do povo portuguez, tendo sido aproveitado em varias epochas da nossa historia, de 1846 para cá, como affirmacão altiva de liberdade, patriotismo e independencia. Os recentes acontecimentos mais uma vez lhe deram actualidade, havendo até muitas pessoas, e entre ellas o sr. João Arroyo, que o preferem á «Portugueza» como hymno nacional.

A sua letra é a seguinte:

Baqueou a tyrannia,
Nobre povo, és vencedor.
Generoso, ousado e livre,
Dêmos gloria ao teu valor.
Eia, ávante, portuguezes,
Eia, ávante! Não temer!
Pela Santa liberdade
Triumphar ou perecer!

Algemada era a nação,
Mas é livre ainda uma vez;

Ora, e sempre, é caro á Patria
O heroismo portuguez.
Eia, ávante, etc.

Lá raioa a liberdade,
Que a nação ha de additar!
Gloria ao Minho, que primeiro
O seu grito fez soar.
Eia, ávante, etc.

Segue, oh povo, o bello exemplo
De tamanha heroicidade.
Nunca mais deixes tyrannos
Ameaçar a liberdade.
Eia, ávante, etc.

Fugi, despotas, fugi,
Vós, algozes da nação!
Livre, a Patria vos repulsa!
Terminou a escravidão.
Eia, ávante, etc.



O hymno da Maria da Fonte foi também aproveitado como canção guerreira pelo partido miguelista, attribuindo-se á sua inspiração os seguintes versos:

Temos um rei estrangeiro,
Estrangeirada facção,
A rainha estrangeirada,
Só portugueza a nação!

Leva ávante, portuguezes,
Leva ávante d'uma vez,
Nós não queremos que governe
Senão um rei portuguez.

Tendo entrado no Porto o general Povoas, do exercito miguelista, organisou-se no dia 22 de fevereiro de 1847 um espectáculo de gala no theatro de S. João, em que se cantou o hymno com a seguinte letra:

Fulgiu hontem sobre o Porto
Um meteóro de gloria:
Chegou l'ovoas, e com elle
Chegou o deus da victoria.

Armas! ferro! guerra! guerra!
Tremulem novos pendões.
Contra a vil horda d'escravos
Marchae, livres, batalhões.

rixa velha e caso pensado para se verem livres um do outro. Mas ao attentar na maneira como por esse diploma se facilita a dissolução da família, eu que tenho filhos, lembro-me dos filhos dos outros, d'esses sobre quem fica suspensa por um tenuíssimo fio a catastrophe mais tremenda.

Mas socegue, tranquillise-se. O dictador não se julga perfeito nem julga inatacavel a sua lei. Elle sujeita-a á sanção do parlamento. No entanto, d'aqui até lá... E' de arripiar, é! Ha tanta mulher com vontade de se ver livre do marido e tanto marido com vontade de se ver livre da mulher, e tanta mulher e tanto homem com vontade de sahirem de uma armadilha para se metterem n'uma ratoeira, que eu receio que quando a lei chegar a ser discutida no parlamento só venha a aproveitar á proxima futura geração. Não se imagina a quantidade de acções de divorcio apresentadas em juizo desde a appareição do celebre diploma. Logo no proprio dia da publicação duzia de casaes se abraçaram pela ultima vez, como nas despedidas nos caes ou nas *gares*, com fundos *aís!* de alívio e desejos de boa viagem — e feliz encontro...

Mas compensando, como se diz na walsa dos *Sinos de Corneville*, a má impressão causada em espiritos conservadores pela lei do divorcio, aqui tem v. ex.^a outro diploma emanado tambem de secretaria da justiça que foi recebido com applauso geral ou quasi geral: a lei do inquilinato. A nova providencia a que o sr. Alfonso Costa ligou o seu nome veio beneficiar muitos milhares de familias. Eu que o diga, minha senhora. O sr. Alfonso Costa livrou-nos, a todos, da mais desaforada das agiotagens — a usura do senhorio, que cobrava com sete mezes e dez dias de antecedencia a renda das más habitações em que por nossa desgraça vivemos.

E' claro que os senhorios gritaram. Pudera! Mas os inquilinos bateram palmas e como estes são mais que aquelles, succedeu o que não podia deixar de succeder: a peça agradou. Agradou e pegou, creia v. ex.^a, porque apesar de tambem este diploma estar sujeito á sanção parlamentar, ninguém lhe bulirá na parte essencial. Em pequenos e pouco interessantes detalhes, sim. Isso tambem não soffre duvida. A lei sahiu ás pressas. E tanto ás pressas que ninguém a entendia. Foi preciso esclarecel-a por outro decreto. Tudo isso, lei, decreto esclarecedor, titulos de arrendamento, se vende pelas ruas. E com exito. Creio mesmo que o unico commercio que actualmente vive com desafoço é esse.

Ainda agora subia eu o Chiado e ouvi varios garotos apregoarem: — Cá está a nova explicação da lei do inquilinato!

... Oh D. Dorothea, elle ainda vale a pena viver, hein? A's vezes vale.

Como deve de ter lido nas gazetas houve *grèves* por uma pá velha. Houve e ha e parece que haverá. Isto de *grèves* é como o comer e o coçar: tudo está em começar.

A epoca é de reivindicações, minha querida senhora. E não se está com meias medidas. Reivindica tudo, minha gente! Carroceiros, pessoal dos electricos, sapateiros... Os homens do gaz ameaçamos com o quarto escuro se a companhia não lhes der para alli mais tanto e os da companhia das aguas estão tambem com ares de quem diz: não comam muito peixe salgado para não terem sede. Os corticeiros levantam-se em massa, os soldados largam as latas e tentam chegar a brasa ás sardinhas... dos patrões, o demonio, o vivo demonio!

Isto tinha de ser, fatalmente. Por felicidade de nós todos, o prestigio dos *meneurs* da multidão, que são precisamente alguns dos homens que estão no poder, os ministros do interior, justiça e estrangeiros, tem conseguido deitar agua na fervura, sendo notavel de serenidade, firmeza e bom senso a attitudo de Antonio José de Almeida na grave conjunctura da *grève* do pessoal dos electricos. Ainda bem, ainda bem. Mas, oh D. Dorothea, tinha sido bem melhor não reconhecer o direito á *grève* n'esta melindrosa conjunctura. Mesmo para deixar ao parlamento a iniciativa de algumas leis sympathicas. O desprestigio do parlamentarismo entre nós—entre nós, entre vós e entre elles, graças a Deus!—é tal e tão grande, que bom seria a Republica levantar-o á sympathia e respeito do paiz pela promulgação de leis que do parlamento sahissem.

Mas, enfim, isso não é commigo. Commigo é esta moedeira terrível no joanete, que se me aggravou com a humidade, e umas dôres nas cruzes que me vejo e desejo.

Adeus, querida amiga. Nosso Senhor tenha em sua graça a D. Dorothea Meyrelles, como é mister e não me desampare, pobre e impenitente peccador.

Recados ao padre Simões e as minhas homenagens á fidalga de Adorijo. E permitta v. ex.^a que lhe beije a mão o seu

Adm.^{er} m.^{to} am.^o e cr.^o grato

CAMARA LIMA.

Viajantes illustres

Desembarca em Lisboa o ministro dos negocios estrangeiros da Argentina, dr. Ernesto Bosch



Da esquerda para a direita: — Os srs. Batalha de Freitas, dr. Ernesto Bosch e sua filha, e D. Baldomero Garcia de Sagastume, ministro da Republica Argentina em Lisboa
(Cliché de J. Benollet).

De passagem para a Argentina, paiz que mantem com o nosso as mais cordaes relações de amizade, desembarcou em Lisboa, em 23 do mez findo, o sr. dr. Ernesto Bosch, ministro dos negocios estrangeiros d'aquella nação, sendo cumprimentado pelo sr. Batalha de Freitas em nome do governo portuguez. O illustre ministro depois d'um almoço na legação argentina, ao qual assistiram entre outras pessoas o sr. dr. Bernardino Machado e D. Baldomero Garcia de Sagastume, deu um pequeno passeio pela cidade e voltou a embarcar a bordo do Guilherme II, tendo antes d'isso cumprimentado o sr. dr. Theophilo Braga, presidente do governo provisório.

A nossa bandeira

O grande poeta Guerra Junqueiro, que tão patrioticamente tem pugnado pela conservação da bandeira azul e branca, publicou ha dias no nosso collega «A Lucta», com o titulo que encima esta pagina, o seguinte artigo que com a devida venia vamos transcrever:

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza differente. A primeira é acção biologica, ou antes bio-chimica. Tal cor na ordem biologica, agrada-nos ou desagradá-nos, porque nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espirital, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe

vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em braza, quando absorvido n'uma dôr sem esperanza ou n'um enthusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E' mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. N'alguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de colera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse mono-ideismo duradouro, essa unidade psychica tão forte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, physica, chimica, biologica e psicologica. Ninguém é identico a si mesmo em dois instantes successivos. E, apesar da continua differenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que determinam o seu temperamento e o seu



Guerra Junqueiro

corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psychica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na

caracter. A cada temperamento ou caracter corresponde, na ordem visual, a preferencia harmonica de certas côres. E os povos, embora constituídos por muitos milhões de homens de natureza diversa, possuem, como elles, um caracter, um temperamento de raça e de his-

toria, que se não confunde. De modo que ha côres nacionaes, traduzindo biológica e psichicamente a idealidade dos povos.

Mas certas côres, que são em geral, as mais harmonicas para os nossos olhos e o nosso espirito, tornar-se-não odiosas e odiadas, vendo-as nascer n'uma bandeira filha do crime, que viveu na bai-



Duque de Palmella

(† 24 de novembro de 1910)

Na sociedade portugueza, tão falta de caracteres, era uma individualidade predominante.

Foi um valente official de marinha, foi um homem da sociedade, e, acima de tudo, foi um patriota.

Constellavam-lhe o peito as mais altas condecorações de Portugal, da Hespanha, da França, da Belgica, da Prussia, da Saxonia e da Italia. Mas nenhuma lhe era tão querida como essa medalha do Baltico, que attestava o seu valor de marinheiro e representava o premio honorifico concedido pela Inglaterra aos serviços que elle voluntariamente lhe prestara na guerra com a Russia. Pois foi essa medalha preciosa, ganha em batalha, de que elle se despojou, devolvendo-a ao governo inglez por occasião do ultimatum, o que lhe valeu de toda a nação portugueza um sentido, profundo e notorio reconhecimento.

Pouco sobreviveu à illustre senhora a quem teve ligados os seus destinos n'um largo periodo de 47 annos. Modesto na vida, foi modesto na morte, e o seu funeral teve a grandeza da simplicidade extrema que elle recommendou e que sua filha e seu genro, os nobres marquezes de Fajal, religiosamente cumpriram.

Paz à sua alma e do Brasil-Portugal as mais sentidas condolencias à enlutada familia.

xeza e acabou na deshonra. Então as côres que amamos de preferencia, por se casarem melhor aos nossos sentimentos, hostilizam um d'elles, o da patria, gravado na face da bandeira. De modo que as côres do estandarte, para serem absolutamente nacionaes, hão de exprimir, ao mesmo tempo, a idealidade da raça na ordem biologi-

ca, na ordem esthetica e na ordem politica. Só n'esse caso ha harmonia integral.

A alma da nação traduz-se na bandeira, mas a alma em festa, a alma ovante, clamando gloria, radiando esperanza.

O genio portuguez, mavioso e affectuoso, sonhador e simples, é um hymno lirico matinal, cantado de joelhos e de mãos postas. E' meigo, mas tambem é robusto, e, exaltado na acção, ergue-se de chofre, em vôo d'aguia, ás eminencias épicas. O nosso estandarte ha de dizer, — candura, ternura, vigor, denodo, nobreza, heroismo.

Tinha quatro côres. O azul e o branco no fundo e nas quas, o vermelho no escudo, o oiro na corôa e nos castellos.

A luz branca é a luz habitual em que vivemos, aquella a que o nosso organismo se amoldou. As diversas côres, socializando, fraternizando, dão o branco. E por isso a côr branca agrada geralmente a todos os olhos, é o fundo em que a vida se desenvolve, o fundo em que as outras côres se projectam, se agrupam e se distinguem.

Olhando através de um vidro azul ou escarlata, todos os objectos nos apparecem azues ou escarlates. Mas, se o vidro fór branco, destacam-se um a um, nitidamente, na sua côr natural. Por isso o branco significa primeiro a clareza, a verdade, a evidencia, e depois, como ideias associadas, a candura, a pureza perfeita, a virtude sem mancha.

Se através de um cristal bem rubro olharmos com demora, sentiremos uma exaltação visual immediata, que se transforma em exaltação ideologica equivalente. Estando abatidos ou com somno, creamos impeto e despertamos. O vermelho é um excitante da vida, dá-lhe ardor, impelle á acção, provoca á lucta. E' vermelha a aurora, é vermelho o sangue, da côr da manhã é o sorriso dos noivos, e de purpura ardente a voz soberba dos clarins.

O azul tranquillisa-nos, apazigua-nos. Dá serenidade, bondade, graça ingenua, alegria candida. No céu e no mar não tem limites...

O oiro radiante offusca e destempera. E' gloria, victoria, triumpho, extase, apothese. Circundam-se d'oiro as fontes divinas dos Eleitos.

Completem a luminosa lingua do estandarte os emblemas essenciaes, evocando em imagens, n'um resumo instantaneo, a historia patria. Os emblemas traduzem ideias, mas falam-nos tambem aos olhos pelo desenho e pela côr.

E', pois, o estandarte um organismo vivo, que brota e se desenvolve parallelamente á alma da nação.

Estudemos a nossa bandeira na sua genese, na sua historia evolutiva.

A bandeira de D. Henrique foi uma cruz azul em campo branco. Porque adoptou a cruz azul e não a vermelha da Ordem de Christo? A sua empresa era uma cruzada, mas quiz naturalmente dar-lhe um caracter distincto, uma feição individual. Manteve a cruz, mas n'outra côr, em azul. Porque o azul exprimia a natureza meiga e affectuosa da raça lusitana, ou porque era essa uma das côres do seu escudo da casa de Borgonha? Talvez, quem sabe, pelos dois motivos. O que é certo é que já no estandarte de D. Henrique os emblemas e as côres se harmonisam admiravelmente com a psicologia portugueza. Falta-lhe ainda o vermelho, a nota rubra, clamando a energia bellica do tempo. Mas essa lacuna, que expliquei, não tardará a desvanecer-se.

A bandeira de Alfonso Henriques foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um. Portanto os besantes não pôdem

Funeral do duque de Palmella



(Cliché de A. C. Lima)

O funeral chegando ao cemiterio dos Prazeres

referir-se de maneira alguma aos cinco maravedis. Os besantes significavam soberania, o direito regio de cunhar moeda. São onze, desde D. Sancho até D. Afonso III. Nos escudos das rainhas e dos filhos bastardos do rei é que apparecem cinco, em vez dos onze. Assim no escudo da rainha Santa Isabel e de D. Leonor Telles e no de D. Maria Affonses, filha bastarda de D. Diniz, vêem-se cinco besantes em cada um, e não os onze do braço real. O numero onze de besantes o que exprimiam? Ignoro-o. E o numero cinco dos escudetes o que é que realmente significava? Apenas o meio mecanico indispensavel para distribuir os cincoenta e cinco besantes em cinco grupos? Julgo que não. Na cruz unida podiam formar-se tambem os cinco agrupamentos. Acodem-me duas explicações, e ambas v. rosi-meis. A primeira é que os cinco escudetes alludem, em quantidade, aos cinco maravedis. Os besantes dentro dos escudetes representam, como disse, a autonomia, o direito soberano de cunhar moeda. A essa ideia, figurada nos besantes, allia-se naturalmente a dos cinco maravedis, que vem abonal-a e completal-a.

Mas a segunda explicação é egualmente logica. Os cinco escudetes lembrariam as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenham a cruz, é natural que, numericamente, representem tam-

De todos os modos, o estandarte nacional adquiriu com D. Affonso III a quasi plenitude simbolica das qualidades da raça. E' já a flamula ovante d'um lirismo épico.

E, chegando á maravilhosa idade das descobertas, a febre triumphal nas almas e nas bandeiras incendeia-se então vertiginosamente. O estandarte de D. Manuel é, n'um campo d'alvura e de purpura, a esphera celeste, o simbolo cosmico, dardejando em oiro. E' o estandarte de apothecose que arvoraram as naus das Indias, juntamente com o de Christo, o de fundo de neve e cruz em brasa. N'este estandarte rutilo da Cruz a purpura, dominadora, esmaga o fundo de innocencia.

E no topo dos mastros as flamulas ebrias, azues e vermelhas, ondeiam e cantam, como linguas accesas de relampagos.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar...

Vem depois o Bragança, e a bandeira ajessuita-se, é molle, mesquinha, hypocrita, adocicada. O escudo deita-se no chão, de rastos, a dormir, e no vèrso, em triumpho, calcando o globo, d'azul e branco, diademada d'estrellas, a Rainha dos anjos, a Padroeira do Rei-



(Cliché de A. C. Lima).

Funeral do duque de Palmella

No cemiterio dos Prazeres — A primeira paragem

bem as cinco chagas. Nada mais espontaneo do que ligar á imagem da cruz a das chagas de Christo. E então a lenda do milagre d'Ou-rique, que a Igreja forjou no seculo xv, teria a amparal-a e a basear-lhe o credito um simbolo vivo e nacional. Inclino-me muito a esta hypothese.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brasão, que continuou assim até aos nossos dias. Porque os manteve e se conservaram depois? Mantevam-se naturalmente por orgulho e conservaram-se por habito. Mas é possivel que date d'essa época, depois de Aljubarrota, a criação do milagre d'Ourique, e então os cinco besantes ficariam simbolizando as cinco chagas. E' uma hypothese.

No reinado de Affonso III, com a conquista do Algarve, modificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparecem n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'ouro coruscando. O oiro da gloria e a purpura ardente das batalhas irrompem, com vehemencia, do fundo lyrico e celeste. E' bello.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'ouro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes. E depois da conquista, correndo os annos, as suas armas são d'ouro em campo esquartelado, tendo no primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com os castellos d'ouro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e da victoria. Foi isso talvez e mais uma coisa: o matrimonio do rei com a filha de Fernando III de Castella. As armas castelhanas eram como hoje, de castellos de oiro sobre fundo vermelho.

no. E' a Purissima. A Mãe de Jesus? Não. A mãe do jesuita, a mãe-escrava de Loyola.

O estandarte da Ordem de Christo fluctua ainda, mas a cruz encolheu, emagreceu, — indigente, exangue, quasi filiforme.

Apparecem tambem as curiosas bandeiras das missões, com monges em extase, d'olhos em alvo, cathequizando e traficando.

O estandarte de D. Pedro II é um horror. Em campo inestetico, de faixas brancas, vermelhas e amarellas, projecta-se, monstruosa, de lado a lado, uma cruz negra de cemiterio. Debaixo d'ella dorme um povo...

E nas flamulas das naus extingue-se tambem o cantico da auro-ra, e o hymno épico estridente amortece e desfallece n'uma elegia de crepusculo.

E a esphera do seculo xv, — visão, aventura, sonho, deslumbra-mento, rebaixou-se, degradou-se, chatinou pelo mundo. Perdida a India, explorou o Brasil, constellou-se a ultima vez d'esmeraldas, topasios e diamantes. No reinado de D. João VI, o escudo de Portugal assenta sobre a esphera, isto é, sobre as minas, sobre os thesoi-ros do Brasil. As minas exgotaram-se, o Brasil separou-se, e a esphera de D. Manuel ficou nas armas do novo reino.

Com a invasão franceza a nação desperta. O rei foge, a aristocracia enlameia-se, o clero avilta-se. O povo abandonado resurge, defende heroicamente o seu lar, a sua alma, a sua patria. Combateu, venceu e ficou prisioneiro. De quem? Do desertor e do poltrão, do Bragança obeso e do jesuita livido. Reage, sonha em revolta. Enforcam-n'o. Mas tres annos depois a Liberdade, que subira ao cadafalso com Gomes Freire, levanta-se em pé, victoriosa, com Fernandes Thomaz. Surgem então no laço nacional as duas côres da revolta, o azul e o branco, para substituir as que se usavam, o azul e o vermelho, da libré do rei. A revolução não bania o monarcha, mas já antepunha,

soberanamente os direitos do povo aos direitos da corôa. O mandante era o povo, e o rei o mandatário. Porém, a Liberdade foi mais uma vez estrangulada pela dynastia, as côres da revolta não passaram da fita popular para o estandarte da nação.

Só nos dias heroicos da Terceira é que finalmente os castellos e as quinas pousaram em campo azul e branco, em campo novo de liberdade. E, detalhe curioso, o estandarte do imperador na hora do triumpho é a bandeira ovante de D. Alfonso III, com a orla de purpura mais simples e mais ignea e os sete castellos mais altivos. E esta bandeira ufana hiperbolisa-se ainda depois n'um segundo modelo, o campo todo rubro, os castellos em oiro e, ao centro as quinas diminuidas, em fundo branco muito exiguo. A nota épica, que devia gravar-se, por direito, no estandarte do Povo, monopolizou-a, gongoricamente e orgulhosamente o estandarte do rei.

O povo verteu o sangue, e o rei illuminou com elle a sua purpura. E em paga que lhe deu o *Dador*? Escarros e chicotadas, burlas e trações, embustes e mentiras. Deu-lhe D. Maria II, D. Luiz, D. Carlos, D. Manuel (I). Deu-lhe peçonha, deu-lhe infamia, deu-lhe deshonra, deu-lhe morte.

E não morreu. O genio immortal d'esta grande patria acaba de erguer-se, luminoso e livre, de um captiveiro de seculos. O Jesuita e o Bragança, os dois verdugos, já lhe não acorrentam o corpo nem lhe envenenam o coração. O nosso patriotismo de hontem, a Saudade, voltava os olhos humidos ás glorias longinquas, como um velho decrepito aos dias da adolescencia, aos annos fortes e fecundos da clara e nobre juventude. Resuscitámos. Hoje, á memoria do passado, junta-se a fé no presente e a confiança altiva no futuro.

Resuscitámos para tornar a viver, para amar, para gerar, para crear. Animaremos de trabalho, de albergues felizes, de riqueza, de nupcias, de canções, as montanhas desertas. Aos campos incultos deitaremos sementes, nas almas nocturnas floriremos estrellas. Crearemos Verdade, crearemos Justiça, crearemos Belleza. Restaremos o seculo xv no seculo xx, lançando com animo egual as frotas do nosso genio ás ondas da existencia, mas em busca de luz para os espiritos e de fraterno amor para os corações. Resurgindo em Patria, resurgiremos em Deus, em Natureza, em Humanidade.

Uma patria livre quer uma bandeira victoriosa. Expulsa a realcisa, cahiu da bandeira, inerte, o diadema real. Só o diadema? E as côres? O azul e o branco não se evolaram tambem?

O pendão da Rotunda era verde e vermelho, verde de esperança até á fé, vermelho de sangue até á morte. O verde clama esperança, a esperança jocunda na colheita, na verdura do trigo, na verdura da vinha, na verdura da arvore. A esperança protesta contra a má fortuna, contra a lezão, a doença, o aniquilamento. E a vida mais inferior é a que mais protesta, é a que mais quer viver, é a que mais se reproduz. O grão de trigo, germinando, deitou uma haste. A haste murchoou, seccou, mas cahiram d'ella, para renascer, duzias e duzias de grãos de trigo. A verdura é a vitalidade e fecundidade, a indomita e continua criação de fructos e de flores.

O pendão do 31 de janeiro illuminou-se, como o da Rotunda, de vermelho e verde. O odio á monarchia, á farça sinistra do constitucionalismo, depoz o azul e branco. Inteiramente? Não. Ao proclamar-se a Republica das varandas da casa do municipio, ladeavam o estandarte vermelho e verde duas bandeiras azues e brancas. Este detalhe, na apparencia casual, mostra a differença do espirito revolucionario em duas épocas. A animadversão profunda contra o existente não chegara ainda, nem por sombras, ao furioso rancor exasperado e allucinado, á raiva sem treguas, ao odio sem termo, á coiera em brasa, á paixão implacavel, inexoravel, formidavel d'estes ultimos annos.

Hontem, a alma da revolução ardia em esperança e crepitava louca em lavaredas. A bandeira radiante e verdejante incendiou-se, como ella, em madrugadas de purpura. Verde e vermelha, de fé e de luta, de riso immortal da natureza, de sangue d'estoicos e de heroes!

A clara e meiga melodia do azul e branco, com a sua voz de sonho e de luar, não agradava naturalmente em horas de febre e de peleja, aos olhos de chama da revolta. Nas vanguardas marciais não soluçam violinos, clangoram heroicamente as boccas fulvas das trombetas.

E a cruz das quinas e os sete castellos onde estão? Farto de castellos e de cruces, de carceres e de dôres, andava o povo escravo, o povo martyr. E por isso no estandarte da revolução não ha emblemas, para quê? Bastam-lhe as duas côres, o verde e o vermelho, gritando fé, clamando esperança! E a fé heroica d'esses homens remiu a patria, libertou-nos a todos.

E, insuflando á patria uma nova alma, deve dar-lhe o estandarte que a viu gerar?

Os sete seculos da nossa historia não os dissolveu o esplendor esbraseado da manhã da Rotunda. Purificou-os, illuminou-os, não os varreu, nem destruiu. Evaporaram-se sombras, exhumaram-se estatuas, e um clarão de alleluia ungiu d'amor o firmamento. Nasceu e morreu alguma coisa. Morreram vergonhas e misérias, nasceu ideal, nasceram astros. Glorifiquemos com elles, sobre a pureza do azul e branco, os nossos castellos valorosos e as nossas quinas immortaes. Integremos o instante de luz nos seculos fulgentes, a Rotunda na Historia, a marcha heroica na epopeia.

A alma da revolução cristallizou n'um sentimento: vencer ou morrer, a liberdade ou a morte! E os que respiram ainda o brazeiro da luta, o ardor da victoria, não querem, não podem amar outro estandarte. Vibram-lhes ainda nos olhos de fogo as mesmas chammass do coração.

E' natural. Mas essa idealidade bellica e brilhante não lhes deixa sentir, nem avaliar os thesouros de affectos e ternuras, de que des-

cede o lyrismo ingenuo, a graça maviosa e meiga do temperamento portuguez.

E' d'esse fundo sonhador e candido, cheio de singeleza e suavidade, que se levanta nas horas rudes o nosso esforço de epopeia, como abeto de bronze erguendo-se titanico d'entre giestas, madre-silvas e malmequeres. Não ha povo nenhum que cante o amor e a dôr com tal doçura, e defenda o seu lar, a sua terra, com tamanho denodo e valentia. E' o primeiro dos lyricos, e, na acção e no drama, um combatente heroico e formidavel. Chama-se Bernardim Ribeiro e chama-se Albuquerque Crisfal e Nun'alvares, Ignez e D. Duarte d'Almeida, Soror Mariana e Fernando de Magalhães, Bartholomeu Dias e João de Deus. Camões resume tudo: o amor, a dôr, a saudade, a graça, a aventura, o arrojo sereno, a nobreza épica.

E toda essa escala de emoções e de sentimentos, que vai desde os gorgeios de luar ceruleo da frauta pastoril ás rutilancias estridentes da tuba épica, ha de inscrever-se em musicas de luz na face ovante da bandeira.

Estudemol-a:

O campo azul e branco permanece indelevel. E' o firmamento, o mar, o luar, o sonho dos nossos olhos, o extase eterno das nossas almas.

Os castellos continuam em pé, inabalaveis, d'oiro de gloria n'um fundo de sangue ardente e generoso. Exprimiram batalha, exprimiram conquista. Hoje converteram-se de reductos minazes em sentinellas calmas e vigilantes. Não hostilizam, guardam. Não acommettem, defendem-nos.

A cruz do calvario, a das cinco chagas essa não morre, é o abraço divino, é o abraço immortal. As chagas christãs não cicatrisam, são ulceras eternas, vertendo eternamente sobre a dôr humana eternas lagrimas de amor. Choram sangue, choram misericordia infinita sobre a infinita angustia da natureza. O christianismo é anterior a Christo, ligado á existencia, imanente á vida. Nenhum emblema, como o de Jesus, santificaria o peito ao nosso escudo.

A corôa do rei, corôa de vergonhas, já o não envilece e o não deslustra. No brasão dos sete castellos e das quinas erga-se de novo, como vaso de luz, a esphera armilar da nossa gloria. Religiosamente lembrará o passado, magnificamente anunciará o porvir. Cantando as descobertas chimericas, indicará o futuro distante nas terras virgens d'além-mar.

E o symbolo augusto do nosso genio ardente e aventureiro co-roemol-o enfim de cinco estrellas em diadema, dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperança e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Porto, 14 de novembro de 1910.

GUERRA JUNQUEIRO.

Dr. Azevedo e Silva

Novo presidente da Junta do Credito Publico

Temos a convicção antecipada de que vamos ferir a sua modestia, por muito pouco que digámos. E' que esta corre parelhas com o seu valor e para perturbar-a basta que esse valor tentemos registal-o em publico.

Acima d'estas considerações, porém, um dever se levanta: o da justiça, que á penna de jornalista faz imposições e exigencias a que elle não pôde furtar-se. E como não fazer justiça a quem a merece é injustiça, incorrer n'essa falta seria pesado de mais para as nossas forças. Accresce que áquelle dever um outro se junta: um dever de consciencia, de velha estima, mas tão recto e justo que não prejudica a verdade.

Acaba de ser collocado na presidencia da Junta do Credito Publico o dr. José Francisco d'Azevedo e Silva. Quer dizer: o governo provisorio da Republica escolheu para um dos cargos de maior responsabilidade um dos seus homens de maior competencia. Competencia adquirida numa existencia, que já não é curta, de trabalho, de saber, de lealdade, de coherencia e de honradez pessoal. Pela somma d'estes predicados deve impôr-se á confiança dos credôres de Portugal o nome d'aquelle que hoje preside á administração da divida publica.

Advogado, conquistou no fóro, e principalmente no commercial, um nome respeitado, pela ponderação, pelos conhecimentos juridicos, pela firmeza e segurança do conselho. Honra, portanto a sua classe, como honrou a Associação dos Advogados, que reorganizou



Dr. Azevedo e Silva

(1) O nobre Pedro V viveu como um ai, passou como um relampago.

juntamente com o sr. Beirão, tendo sido este o presidente e elle o secretario. O seu commentario ao Codigo Commercial d'aquelle estadista dá a medida do seu valor de jurisconsulto.

Pelo que toca ao politico, no longo sentido da palavra, se a politica é a firmeza das opiniões, a coherencia dos principios, o trabalhar largos annos por uma ideia, a isenção, o desprendimento e a lealdade, se é isso, nunca o teve mais digno nem mais nobre o partido republicano. Azevedo e Silva serviu-o sempre com a mesma fé, a mesma confiança, a mesma rectidão de processos, e, o que é mais raro, com a mesma fleugma inalteravel, a mesma perseverante serenidade. Esta qualidade que nuns é nativa, noutros a resultante de uma orientação methodica, e noutros ainda uma idiosyncrasia, nelle foi talvez tudo isto.

O que é certo é que elle pertence á mais velha guarda do seu partido, que é hoje o que foi sempre, e que quando, estudante do lyceu, publicava e redigia um jornal republicano, tinha na sua causa a mesma fé que sempre teve ao vê-la perseguida, que teve no dia 5 de outubro ao vê-la triumphar. E seja qual fór o regimen victorioso, a firmeza constante dos principios é sempre um alto exemplo, porque depura no mesmo cadinho o pensamento e o caracter.

Brilhavam na Universidade, quando Azevedo e Silva a cursou, Carlos Valbom, João Arroyo, Jacintho Candido, Eduardo d'Abreu, o conde de Paço Vieira e outros que na politica e nas letras conquistaram um nome. Ao seu curso pertenciam Alfredo da Cunha, Trindade Coelho, Fidelio de Freitas Branco, Cruz Vieira, muitos que a morte já levou, outros que foram ou são figuras de destaque na imprensa, na magistratura e na politica.

Discipulo dos drs. Laranjo e Assis Teixeira, no periodo juvenil em que o cerebro aceita e assimila de prompto as ideias mais avançadas, mordido como nunca até ali pela tarantula republicana, impregnado do positivismo de Comte, e irritado pelos velhos processos d'ensino d'aquelles professores, elle e dois condiscipulos, Falcão e Gomes Palma, lembraram-se de fazer um jornal, que por signal se chamou *A Evolução*, em que criticavam, atacando-os, esses methodos de ensino.

Para serem processados pelo fóro academico e expulsos por dois annos da Universidade não foi preciso mais nada. E isso bastou tambem para que em torno d'elles se creasse um movimento de protesto de tal ordem, que nem um academico deixou de tomar parte n'elle. Iniciou-o Eduardo d'Abreu que com Carlos Valbom e outros conseguiram a readmissão dos tres... rebeldes.

A entrada d'elles em Coimbra foi triumphal. Coincidia com a procissão dos Passos, que percorria as ruas da velha cidade, e que o povo abandonou para se juntar aos academicos, esperando e acompanhando Azevedo e Silva e os seus dois companheiros até á alame-

da da Universidade, onde se descobriu o monumento a Camões, velado de crepes por Eduardo d'Abreu no dia da expulsão pelo conselho de decanos.

Essa readmissão ordenou-a em portaria o ministro do reino d'então, Thomaz Ribeiro, dando-se até um incidente digno de nota. Vieram a Lisboa pedi-la ao ministro Eduardo d'Abreu, Carlos Valbom e outros. Thomaz Ribeiro titubeava, hesitava, acabando por indeferir o pedido dos academicos, receoso de ferir o conselho de decanos. Então, n'um rapto indignado e eloquente, que já fazia prever as fogaças objurgatorias do futuro orador de S. Bento, Eduardo d'Abreu, encrespando-se deante de Thomaz Ribeiro, largou-lhe esta á queima-roupa: «Os ministros passam, e a academia fica. Pois ella um dia lhe tomará contas, senhor ministro.»

— Venha cá, venha cá, chamou Thomaz Ribeiro um pouco desconcertado quando Abreu transpunha a porta do gabinete ministerial, e, como se costuma dizer, passando-lhe a mão pelo lombo, acrescentou, já resolutivo:

— Os rapazes vão ser readmittidos. E' isto que deseja?

E foram-n'o. Positivamente Eduardo d'Abreu era a carbonaria d'aquelle tempo.

Foi este triumpho que a academia e a população de Coimbra acclamaram.

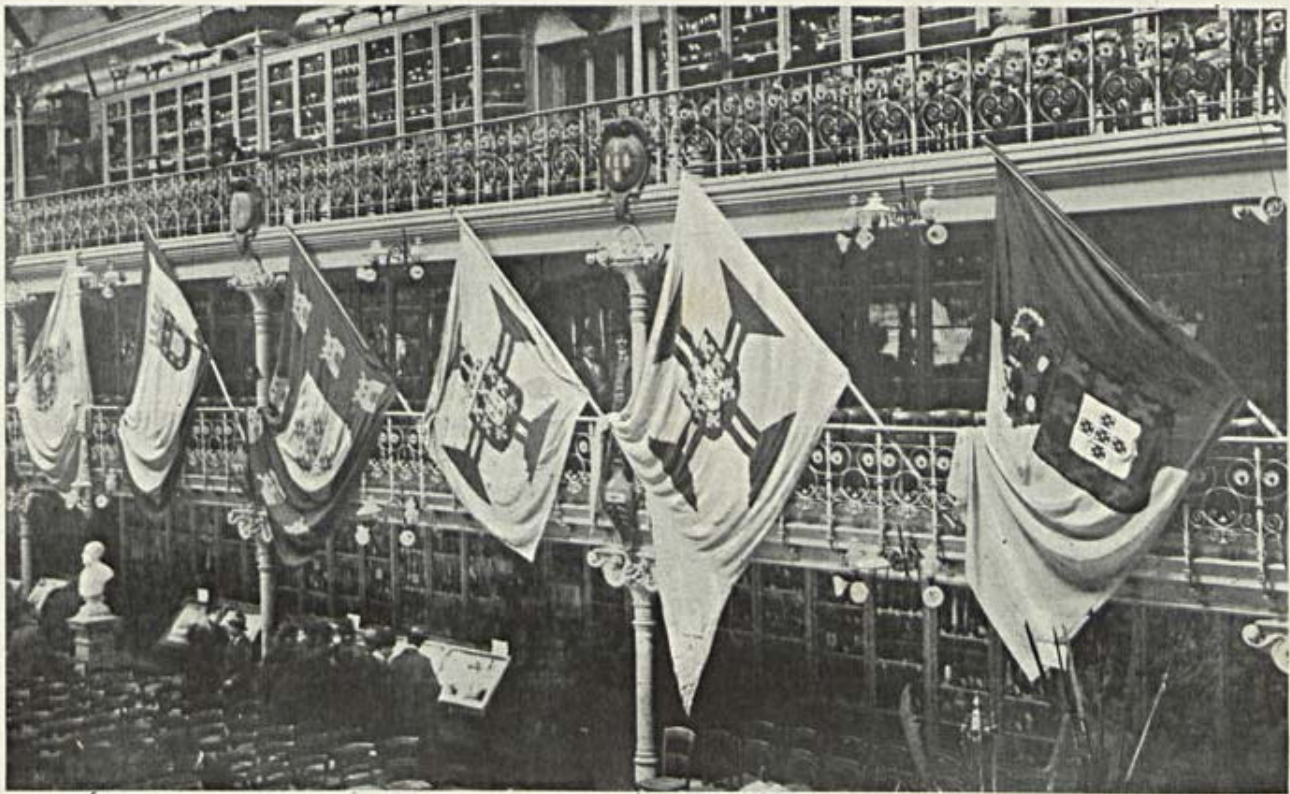
Esquecia dizer que a sentença dos decanos condemnára tambem os tres iconoclastas a 15 dias de detenção na cadeia academica, d'onde sahiam todos os dias para irem ás aulas. E um dos condiscipulos mais ladinos, Pedroso de Lima, ia todas as tardes, como protesto, ao toque da cabra—que Deus haja!—deitar meia duzia de foguetes á porta da velha cadeia da Rua dos Loyos, respondendo ao estalar das bombas as gargalhadas dos rapazes da academia, as quaes não estouravam com menos ruido hilariante.

Tal victoria e tanta troça não podiam os lentes levar á paciencia, e vingaram-se em não abonar as faltas aos readmittidos. Pois de novo voltou a Lisboa a comissão, e lá arranhou a Thomaz Ribeiro outra portaria mandando que as faltas fossem abonadas.

Estes episodios da vida academica não os contaríamos se não fossem um traço biographico de subido valor.

Formado, Azevedo e Silva veio para Lisboa, fez jornalismo politico, escreveu na *Era Nova* de Silva Lisboa, e numa revista republicana, abriu escriptorio de advogado com Fidelio de Freitas Branco e D. Luiz da Costa de Macedo, creou, como dissimos, um nome no fóro, serviu com hombridade a politica do seu partido, foi membro do directorio presidido por Theophilo, e hoje advogado de nome, partidario desinteressado, chefe exemplar de uma grande familia, ao aceitar a presidencia da Junta, prestou á Republica um dos servicos mais valiosos.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA. — Exposição de bandeiras historicas



(Cliché de A. C. Lima).

Um aspecto

As bandeiras que figuram na exposição são as seguintes:
Bandeira heraldica portugueza, insignia real de D. João II a D. Sebastião; orla encarnada com os sete castellos do Algarve e centro branco com as quinas em azul.

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topos dos mastros, D. Manuel I a D. Sebastião: branco, orlado de encarnado, tendo junto á tralha as quinas em azul.

Estandarte dos navios de commercio, D. João II a D. Sebastião: azul com as quinas em branco.

Estandartes que os navios de alto bordo arvoravam nos topos dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: branco com a cruz de Christo e as quinas.

Insignia portugueza, D. Manuel: branca e encarnada em disposição triangular, tendo ao centro a esphera armillar.

Bandeira das armadas da Índia: branca com a cruz de Christo.

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topos dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: vermelho com as quinas em branco.

Estandarte que os navios de alto bordo arvoravam nos topos dos mastros, D. Manuel a D. Sebastião: triangular branco com orla vermelha e as quinas em azul.

Bandeira da armada real, desde 1580 a 1616 e desde 1641 a 1833. Branca com o escudo e corôa.

Bandeira da frota do commercio de 1641 até D. João VI. Branca e verde ás riscas em comprimento.

Bandeira dos galeões da Índia, D. Pedro II: branca com a cruz de Christo e sobre ella as armas reais.

Bandeira do commercio do reino, D. Pedro II: branca com a cruz de Christo.

Bandeira do commercio do Brasil, D. Pedro II a D. Maria I: branca com a esphera armillar encimada pela cruz de Christo.

Bandeira ordinária de D. Pedro II: faixas diagonaes azuis, encarnadas e brancas tudo sobreposto por uma cruz negra tendo-se no canto superior uma cruz branca.

Bandeira do reino unido de Portugal e Brasil, 1815 a 1825: branca, com a esphera armillar, tendo sobreposto o escudo das quinas encarnado e corôa real.

Jack nacional, branco, orlado de vermelho com as armas reais.

Estandarte imperial de D. Pedro IV: vermelho com o escudo branco ao centro e as quinas. Na orla vermelha os sete castellos.

Distinctivo de officiaes generaes da armada da Índia de D. Pedro II e D. José: a cruz de Christo em fundo branco tendo sobreposto o escudo das quinas e as armas reais.

Bandeira nacional desde 1833 até 5 de outubro findo.

Estandarte real, desde D. Maria até D. Manuel II.

LIVROS

Problemas resolvidos e manipulações químicas

E' o título de um livro, que se tornava de uma absoluta necessidade no ensino da chimica pratica em Portugal. Todos que teem passado pelos bancos das escolas prestam o seu mais caloroso apoio a esta importante obra, de que é auctor o illustrado capitão Correia dos Santos, professor do collegio militar e antigo collaborador do



Capitão João Correia dos Santos

Brasil-Portugal. O primeiro volume, destinado ás primeiras classes dos lyceus, escolas normaes e escolas industriaes, acaba de apparecer no mercado, illustrado com cem gravuras e com uma fina encadernação. E' uma obra absolutamente pratica e que desce aos mais insignificantes pormenores seguidos nas manipulações de chimica.

Contos vagabundos

D'entre os livros de versos que com frequencia apparecem destaca-se este. E o nome que o firma, Eugenio Vieira, não mais fugirá da memoria d'aquelles que o leram, porque hão de recordar com affecto algumas das paginas mais vividas, mais lyricas, ou mais pensadas, dos *Contos Vagabundos*. Hão de ter sentido uma original e delicada emoção através d'esses versos que se chamam *Lévinha, Fria, Mães sem casa, Ai dos vencidos, ai dos tyrannos! Historia de um coração*, e tantos outros em que vibra uma verdadeira alma de poeta, pelos quaes perpassa uma larga inspiração de artista.

Contos vagabundos é um livro que deve ler-se, Eugenio Vieira um nome que deve guardar-se no intimo das nossas recordações, porque além de muitos predicados litterarios se sente que um sopro de bondade perpassa por essa obra poetica, em que se adivinha um coração que vibra sob a desgraça alheia, e um espirito que se abre a todas as esperanças e a todas as clemencias.

Em resumo: *Contos vagabundos* é um bom livro e uma boa acção. E se alguém que não leu o precioso volume, que acabam de dar á publicidade os editores Guimarães & C.ª, quer ver n'estas palavras um reclamo, certificar-se-ha, lendo os versos, de que nunca o houve nem mais desinteressado, nem mais imparcial, nem mais justo.

Machado d'Assis e Cyrô d'Azevedo

Os conhecidos livreiros-editores de Paris, Garnier Frères, estão prestando ás letras portuguezas um incalculavel serviço. Attestam-no de uma forma brilhante os quatro volumes que tão gentilmente acabam de offerecer ao *Brasil-Portugal*, dois de Machado d'Assis e dois de Cyrô d'Azevedo. São as traducções em lingua franceza de livros de contos e romances firmados por esses illustres escriptores do Brasil.

A edição formosa e nitida e a versão primorosa e fiel veem confirmar os creditos da afamada casa editora.

Theatros

Republica, *O Convertido*, peça em 4 actos de M. Hennequin e F. Duquesnel, traducção de Accacio de Paiva. — *Gymnasio*, *Seraphina*, peça em 5 actos de V. Sardou, traducção de Furtado Coelho. — *Aventida*, *Amor de principe*, opereta em 3 actos de Vigotto, musica de E. Eysler, traducção de Luiz Galthardo. — *Trindade*.

Patachon, que sob o titulo *Convertido* e numa esplendida traducção de Accacio de Paiva nos foi dado ouvir excellentemente representado pela companhia do *Republica*, é uma peça de sabor genuinamente francez, vivendo da graciosidade do dialogo, de um espirito delicado, que o traductor soube respeitar. *Patachon*, é um borga, que está separado da mulher, senhora muito religiosa, que vive n'uma pequena terra de provincia entregue a obras religiosas, de um genio completamente opposto ao do marido, que se diverte em Paris entre cocottes e artistas. Ha d'este casal uma filha que é o enlevo de ambos, e que passa oito mezes do anno com a mãe entre rezas e sermões, e os quatro mezes restantes em Paris com o pae n'um divertimento pegado, frequentando theatros, bailes, concertos etc. etc. Todo o empenho d'esta sympathica creatura é conciliar os paes, e tal é a sua boa vontade, que declara terminantemente a um rapaz de quem gosta, que não casará sem conseguir o seu fim. O pae, sabedor d'esta resolução, finge-se *convertido*; vae para casa da mulher, leva um mez a ouvir missas e terços, e mal que a filha casa resolve voltar á sua vida antiga, ao que por fim renuncia, a muitos rogos da filha e tambem porque os cabellos vão branqueando, a gotta aproxima-se... enfim, é tempo de ter juizo. Augusto Rosa, realisou este typo com o talento que todos lhe reconhecem, havendo que especialisar ainda Adelina Abranches e Chaby Pinheiro.

A *Seraphina* de Sardou, que já ha muitos annos foi representada tambem no *Gymnasio* com grande exito, foi esculpada pelo actor Telmo, que n'ella teve um optimo trabalho n'um dos principaes papeis, para a sua festa artistica. A peça, que se ressentia um pouco da antiguidade, gira sob uma lucta de ideias religiosas, tendo situações intensamente dramaticas a par de ditos de muito espirito, tudo aquillo muito bem baralhado com a mestria usual e conhecida do seu auctor.

O desempenho foi correctissimo por parte de Lucinda, Judith, Christiano, Cardoso e Alegrim, merecendo referencias especiaes todo o quarto acto, que é o mais intenso da peça.

Amor de principe é uma interessante operetta allemã, no genero da *Viuva Alegre* e do *Sonho de Valsa*, porém melhor ainda do que estas, não só em graciosidade, como na belleza da musica, que é encantadora. O motivo da acção baseia-se em dois principaes a quem casaram em creanças, separando-os em seguida, segundo o uso do seu paiz, para mais tarde os reunirem. O principe, porém, vae para Paris, levando ali uma vida de completa orgia, esquecendo-se dos seus deveres como esposo, o que muito desgosta a joven princesa. Enfim, depois de varias peripecias, tudo acaba em bem e adivinha-se que... hão de vir a ser muito felizes.

O desempenho muito bom, especializando Cremilda, Auzenda, Armando de Vasconcellos e Gomes.

O *Paiz do Vinho* voltou agora a *Trindade* completamente remodelado, com referencias a assumptos da actualidade e novas apothecoses, o que nos leva a crer que ainda terá uma longa carreira.

No proximo numero nos referiremos á peça o *Fado*, ultimamente representada no *Apollo*.

Rev.